

Trote e violência em um ambiente universitário no Norte do Brasil

Hazing and violence in a university setting in Northern Brazil

Novatadas y violencia en un ambiente universitario en el norte de Brasil

Jessé Pantoja Pinto¹, Julyana Silva Nascimento¹, Marcelo Augusto Farias dos Anjos¹, Rogério do Espírito Santo Amorim Correa¹, Raul Aragão Martins², Ivete Furtado Ribeiro Caldas¹

RESUMO: Este estudo teve como objetivo verificar os fatores sociodemográficos e culturais que podem influenciar na violência entre universitários em uma instituição no Norte do Brasil. Trata-se de um estudo transversal com amostra por conveniência. Os dados foram coletados na Universidade do Estado do Pará - Campus VIII, no município de Marabá, Pará. Participaram do estudo 381 universitários matriculados na UEPA, sendo 301 veteranos e 80 calouros. Dois questionários foram utilizados para coleta de dados: Questionário sobre levantamento de violência entre universitários e Questionário sobre levantamento de violência entre universitários calouros. A média de idade dos alunos veteranos foi de 22 anos e dos calouros, 20 anos, destacando-se o sexo feminino. Sobre a orientação sexual a prevalência foi de heterossexuais, e a cor dominante foi parda. Cinquenta e cinco alunas (32,5%) do sexo feminino assinalaram que sofreram violência. Dez alunos (37,0 %) que se autodeclararam homossexuais assinalaram que não consideraram o ambiente do campus seguro. Dessa forma, o reconhecimento dos fatores que levam à violência entre universitários pode contribuir para a identificação dos grupos de risco e a desenvolvimento de programas de prevenção para redução das manifestações de violência, de atenção as vítimas e de reeducação dos agressores.

Palavras-chave: Violência de gênero; Racismo; Violência; Universidade; Homofobia.

ABSTRACT: This study aimed to assess the sociodemographic and cultural factors that may influence violence among university students at an institution in northern Brazil. This is a cross-sectional study with a convenience sample. Data were collected at the State

¹ Universidade do Estado do Pará

² Universidade Estadual Paulista

University of Pará - Campus VIII, in the city of Marabá, Pará. A total of 381 university students enrolled at UEPA participated in the study, including 301 seniors and 80 freshmen. Two questionnaires were used for data collection: a Questionnaire on Violence Among University Students and a Questionnaire on Violence Among Freshmen. Results: The average age of senior students was 22 years and of freshmen, 20 years, with a predominance of females. Regarding sexual orientation, the prevalence was heterosexual, and the dominant skin color was brown. Fifty-five female students (32.5%) reported having suffered violence. Ten students (37.0%) who declared themselves homosexual indicated that they did not consider the campus environment safe. Conclusion: Thus, recognizing the factors that lead to violence among university students can contribute to the identification of risk groups and the development of prevention programs to reduce manifestations of violence, provide care to victims and reeducate aggressors.

Keywords: Gender violence; Racism; Violence; University; Homophobia.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo verificar los factores sociodemográficos y culturales que pueden influir en la violencia entre estudiantes universitarios de una institución del Norte de Brasil. Se trata de un estudio transversal con muestra por conveniencia. Los datos fueron recolectados en la Universidad Estadual de Pará - Campus VIII, en el municipio de Marabá, Pará. Participaron del estudio 381 estudiantes universitarios matriculados en la UEPA, de los cuales 301 eran veteranos y 80 estudiantes de primer año. Se utilizaron dos cuestionarios para recolectar datos: Cuestionario sobre encuestas de violencia entre estudiantes universitarios y Cuestionario sobre encuestas de violencia entre estudiantes universitarios de primer año. La edad promedio de los estudiantes veteranos fue de 22 años y la de los estudiantes de primer año fue de 20 años, destacando el sexo femenino. En cuanto a la orientación sexual, el predominio fue heterosexual y el color dominante fue el castaño. Cincuenta y cinco estudiantes (32,5%) informaron haber sufrido violencia. Diez estudiantes (37,0%) que se declararon homosexuales indicaron que no consideraban seguro el ambiente del campus. Por lo tanto, reconocer los factores que conducen a la violencia entre estudiantes universitarios puede contribuir a la identificación de grupos de riesgo y al desarrollo de programas de prevención para reducir las manifestaciones de violencia, brindar atención a las víctimas y reeducar a los agresores.

Keywords: Violencia de género; Racismo; Violencia; Universidad; Homofobia.

Introdução

A violência, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é um ato que afeta a saúde e/ou o bem-estar dos indivíduos. É um fenômeno emblemático que perdura na sociedade por séculos e carrega consigo grandes impactos destrutivos, como sofrimento, dano psicológico e em casos mais sérios, a morte. As instituições de Ensino Superior (IES) também desfrutam dos efeitos negativos desse fenômeno (Tercetti, 2021).

No que tange a violência universitária destaca-se o *bullying*, que tem origem na palavra “bully”, tendo como significados “brigão”, “mandão”, “valentão”. É uma ação que tem como característica a presença de uma vítima alvo de dominação e destruição, culminando em situações como: fobia escolar, fobia social, depressão, anorexia, bulimia, transtorno de ansiedade generalizada e até mesmo casos de suicídio. Dessa forma, é um tema relevante, pois preocupa o meio educacional, uma vez que gera impactos negativos nas instituições escolares e acadêmicas (Peixoto, 2021).

O bullying nas universidades é realizado por agressores provocadores e observadores, os quais praticam o ato por meio de xingamentos, apelidos, exclusões, agressões físicas, piadas e brincadeiras ofensivas. Os motivos que levam as vítimas a serem violentadas estão relacionados a fatores sociodemográficos, como orientação sexual, cor, peso, religião, personalidade, entre outros. Logo, infere-se que essa prática de violência é acentuada por um quadro de exclusão no meio acadêmico (Filho & Ribeiro, 2023).

Outra forma de violência evidenciada nos ambientes acadêmicos é o racismo, que passou a se configurar crime um século após quase 400 anos de escravidão da população africana e seus descendentes no Brasil (Brasil, 1989). A criação desta lei está associada ao Estatuto da Igualdade Racial (Brasil, 2010) e à Lei de Cotas (Brasil, 2012, Marques &

Santos, 2015), as quais se configuram como um conjunto de medidas legais com a finalidade de garantir para a atual e futura geração uma vida digna.

O racismo é caracterizado como uma chaga que penetra os diferentes campos da vida social, sendo restrita a um grupo específico e contribuindo para a manutenção de preconceitos, sendo observado vários tipos de ataques como verbal, físico e psicológico. Nas IES, local de democratização entre os indivíduos, ainda persistem ataques racistas. São exemplificados por meio da opressão e discriminação de pessoas, cuja cor não é aceita pelo patriarcado estabelecido pelo homem branco que inferioriza aqueles por sua cor há séculos (Shahram et al., 2022).

É pertinente nas universidades, também, a violência de gênero, modalidade naturalizada e justificada por uma cultura machista e patriarcal (Souza et al., 2021). Considerando essa conjuntura social, é diagnosticada nas universidades uma agressão mediada pela intolerância e discriminação quanto ao gênero feminino. Desse modo, as mulheres podem vivenciar um sentimento de medo constante (Maito et al., 2022).

Além do mais, ainda entre as manifestações da violência nas universidades, salientando as fobias contra a comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/poli, não-binárias e mais), também fazem parte desse contexto. Neste cenário, há uma ligação direta ao caráter histórico do patriarcalismo implantado em nossa sociedade, promovendo até nos momentos atuais a desigualdade, o desrespeito e ataques de impulso verbal e físico (Nogueira, 2022). Os indivíduos cuja sexualidade difere do padrão normativo ficam vulneráveis as situações de discriminação e retaliação das mais distintas por conta da sua orientação sexual (Caetano et al., 2020).

Não obstante, no ambiente universitário também se evidencia como forma de agressão o trote, que é considerado um momento de inserção e participação de muitos

estudantes para o ingresso ao ensino superior. Nesse interim, alguns calouros criam expectativas diante da receptividade, almejam, na maioria das vezes, integração por parte dos novos colegas (Barbosa et al., 2023). O trote universitário é considerado um rito de passagem por muitas instituições. Todavia, essas práticas acabam submetendo muitos universitários a agressões físicas, morais, sexuais e ideológicas, podendo implicar em traumas psicológicos, mutilações e até a morte.

No Brasil, a realização do trote nas instituições de ensino superior é frequente, porém ganhou um destaque maior na sociedade com a morte de um estudante de medicina da USP no ano de 1999 (Cândido & Sanches, 2015). Após esse acontecimento, o debate ultrapassou os limites físicos das universidades e novos casos envolvendo trote violento vieram a público ganhando notoriedade. Por outro lado, felizmente, muitas universidades têm substituído o trote violento por atividades com cunho social que visam a integração dos calouros com os veteranos, denominado de trote solidário, ou seja, em vez de sofrerem humilhações, participam de ações em causas sociais. Sendo assim, os estudantes passam a desenvolver e concretizar sentimentos de responsabilidade social e solidariedade (Roso et al., 2020; Aguiar & Fermé, 2023).

No sentido de compreender tais manifestações de violência no espaço universitário, estudos em neurociência evidenciam uma interação do ambiente social com o comportamento do indivíduo que é modelada por sistemas neurobiológicos, como o sistema socioemocional localizado em áreas límbicas e paralímbicas do cérebro e o sistema de controle cognitivo caracterizado pelos córtex pré-frontal, córtex parietal lateral e córtex cingulado anterior (Costa, 2023).

Baseado no exposto, dentre as etapas da vida do ser humano a adolescência é marcada por transformações no comportamento, fase na qual o cérebro tem forte influência sobre o sistema de recompensa por meio de ações ou situações que resultam

em sentimento de prazer através da ação da dopamina, tais como: comer, beber, jogar vídeo game, entre outros. Porém, o sistema de recompensa também pode ser ativado por diversas circunstâncias, incluindo aquelas julgadas como negativas perante o convívio social, por isso algumas ações de violência resultam na ativação da dopamina e consequentemente em prazer para certos indivíduos (Kobulsky et al., 2022).

Portanto, entende-se violência universitária como uma questão a ser avaliada, diagnosticada e estudada, em virtude da necessidade de elaboração de políticas intervencionistas com intuito de atenuar, coibir e prevenir tal problemática existente (Panúncio-Pinto et al., 2019). Nessa perspectiva, este estudo tem como objetivo verificar os fatores sociodemográficos e culturais que podem influenciar na violência entre universitários de uma instituição pública de ensino no Norte do Brasil.

Materiais e Métodos

Trata-se de um estudo transversal com amostra por conveniência. Os dados foram coletados na Universidade do Estado do Pará - Campus VIII, no município de Marabá onde são ofertados 11 cursos de graduação (Medicina, Biomedicina, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Florestal, Engenharia de Produção, Licenciatura em Física, Licenciatura em Letras Libras, Licenciatura em Ciências Biológicas, Licenciatura em Música, Licenciatura em Química e Tecnologia de Alimentos) distribuídos em três centros (Ciências Biológicas e da Saúde - CCBS, Ciências Naturais e Tecnologia – CCNT e Ciências Sociais e Educação - CCSE), totalizando cerca de 808 alunos matriculados até o momento.

Participaram do estudo 381 universitários regularmente matriculados, sendo 301 veteranos e 80 calouros. Foram incluídos no estudo alunos entre 17 e 41 anos, de ambos os sexos, que aceitaram participar da pesquisa assinando o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram

excluídos alunos com matrícula em trancamento e aqueles que não preencheram adequadamente os questionários. O período de coleta de dados ocorreu nos meses de junho de 2021 a junho de 2022. Esta pesquisa faz parte do projeto intitulado “Levantamento da Violência entre universitários” em parceria com a Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus de São José do Rio Preto.

Instrumentos

(1) *Questionário sobre levantamento de violência entre universitários veteranos*: composto por 22 perguntas, sendo 20 objetivas e 2 discursivas, com informações sobre variáveis de caracterização pessoal dos universitários (sexo, sexualidade, gênero, cor e idade), caracterização do aluno (curso, centro acadêmico, exerce atividade remunerada, com quem mora, mora na cidade que estuda ou não e se exerce trabalho em algum centro coletivo), violência sofrida pelos veteranos (considera o ambiente dentro da UEPA seguro, sofreu algum tipo de violência na universidade, qual o tipo de violência sofrida, quem foi o autor da violência sofrida e qual o local da violência sofrida) e violência presenciada (já presenciou algum tipo de violência, que tipo de violência foi presenciada, quem foi o autor da violência presenciada, local da violência presenciada, como reage diante da violência presenciada e quais os canais de denúncia é conhecido na universidade).

(2) *Questionário sobre levantamento de violência entre universitários calouros*: refere-se ao levantamento da violência entre alunos ingressantes composto por 17 questões, sendo 3 discursivas e 14 objetivas, que acessam informações sobre variáveis de caracterização pessoal (sexo biológico, sexualidade, gênero, cor e idade), caracterização quanto aluno (curso na UEPA, exerce atividade remunerada, mora com quem, mora na cidade que estuda ou na cidade próxima, participa de algum coletivo) e a violência no trote (passou por trote, situações que ocorreram no trote, o que sentiu ao sofrer o trote,

local da violência sofrida, caso queira relatar o trote, já denunciou o trote e quais os canais de denúncia na universidade que conhece).

Procedimentos de coleta dos dados

Quanto a coleta de dados, antecedendo uma semana para o início dessa fase, os pesquisadores entraram em contato com a direção administrativa do campus e coordenadores dos cursos de graduação com o intuito de obter os contatos telefônicos dos representantes de turma. Por conseguinte, mediante o contato, foi enviado o convite de participação via *WhatsApp* e distribuído entre os integrantes das turmas. Na mensagem dois links foram enviados, nos quais os formulários eletrônicos via *Google Forms* estavam disponíveis. O primeiro, era referente ao questionário sobre levantamento de violência entre universitários veteranos, e o segundo, referente ao Questionário sobre levantamento de violência entre universitários calouros. O aluno optava por apenas um dos links para o preenchimento, de acordo com sua categoria, veterano ou calouro.

Na página inicial de ambos os formulários eletrônicos eram disponibilizados o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual o aluno era convidado a participar da pesquisa, sempre respeitando sua identidade e sua decisão de desistir da pesquisa no momento que desejar. Após o aceite de participação, o aluno era direcionado para outras páginas do formulário referente às características pessoais, acadêmicas e em relação à violência universitária. Após o questionário preenchido o participante era orientado a clicar no botão “Enviar” e finalizar a sua participação. Cada aluno tinha a oportunidade de enviar apenas um formulário, pois o sistema bloqueava mediante o reconhecimento do número de matrícula, evitando duplicidade de informações. O preenchimento online teve duração média de 15 minutos e as dúvidas eram esclarecidas pelos pesquisadores.

Análise dos dados

Os dados disponibilizados foram agrupados, analisados e interpretados em planilhas utilizando o programa *Microsoft Excel*®, com as perguntas e respostas aplicadas no formulário. Ademais, utilizaram-se representações em tabelas e gráficos. Com isso, as características dos estudantes que participaram da amostra foram descritas por meio de medidas descritivas, especificamente: frequência absoluta (n) e relativa (%), correspondente as variáveis pessoais, acadêmicas, violência e trote.

Esta pesquisa seguiu todos os preceitos da Declaração de Helsinque e do Código de Nuremberg, sendo respeitadas as normas de pesquisa com Seres Humanos (Res. CNS 466/12). A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da Universidade do Estado do Pará (UEPA) (Parecer: 4.106.036) e da Universidade Estadual Paulista [UNESP] (Parecer: 3.958.120).

Resultados

A Tabela 1 detalha as características pessoais dos estudantes veteranos e circunstâncias que tange à violência entre os universitários. Quanto ao sexo 174 (57,8%) são feminino e 127 (42,2%) masculino, com idade média de 22 anos ($\pm 5,1$ anos). Em relação à sexualidade, a maioria 244 (81,1%) são heterossexuais, os demais 28 (9,3%) homossexuais, 27 (8,3%) bissexuais e 4 (1,3%) não se identificam com nenhuma sexualidade. Cento e setenta e quatro alunos (57,8%) pertencem ao gênero mulher e 150 (49,8%) autodeclaram-se pardos. Quanto ao curso de graduação, 99 (32,9%) estão matriculados no curso de Medicina; 14 (4,7%) Biomedicina; 32 (10,6%) Engenharia ambiental e sanitária; 27 (9,0%) Engenharia de produção; 28 (9,3%) Engenharia florestal; 48 (15,9%) Licenciatura em Ciências biológicas; 45 (15%) Tecnologia de alimentos; 6 (2,0%) Licenciatura em Física e 2 (0,7%) Licenciatura em química. Além disso, 94 alunos (31,2%) moram sozinhos e 268 (89,0%) residem em Marabá.

No que tange as características pessoais dos estudantes veteranos em relação à violência entre universitários, cerca de 246 (81,7%) dos estudantes declaram o Campus como um ambiente seguro, entretanto, mais de 78 alunos (25,9%) apontam que já sofreram algum tipo de violência, e 178 (59,1%) não presenciaram nenhum ato violento contra algum aluno. Por último, a maioria dos universitários 101 (33,6%) sente-se indignado em relação à violência presenciada.

Tabela 1

Características pessoais dos estudantes veteranos e circunstâncias que tange à violência entre os universitários

Variáveis	Amostra total	
	n	%
Sexo		
Feminino	174	57,8
Masculino	127	42,2
Sexualidade		
Heterossexual	244	81,1
Homossexual	28	9,3
Bissexual	25	8,3
Não me identifico	4	1,3
Gênero		
Mulher	174	57,8
Homem	127	42,2
Cor		
Branco	100	33,2

Parda	150	49,8
Amarelo	7	2,3
Preta	42	14,0
Indígena	2	0,7
Curso de graduação		
Licenciatura em física	6	2,0
Licenciatura em química	2	0,7
Engenharia ambiental e sanitária	32	10,6
Engenharia de produção	27	9,0
Engenharia florestal	28	9,3
Tecnologia de alimentos	45	15,0
Biomedicina	14	4,7
Medicina	99	32,9
Licenciatura em ciências biológicas	48	15,9
Centro		
CCBS	113	37,5
CCSE	56	18,6
CCNT	132	43,9
Atividade remunerada		
Sim	90	29,9
Não	189	62,8
Estágio remunerado	22	7,3
Com quem mora		
Familiares	97	32,2

Pais	87	28,9
República ou amigos	23	7,6
Sozinho	94	31,2
Cidade		
Marabá	268	89,0
Bom Jesus do Tocantins	1	0,3
Brejo Grande do Araguaia	1	0,3
Itupiranga	2	0,7
Nova Ipixuna	3	1,0
São Domingos do Araguaia	2	0,7
Outra região	24	8,0
Participa de atividade coletiva		
Sim	162	53,8
Não	137	45,5
Não quero informar	2	0,7
Ambiente UEPA seguro		
Sim	246	81,7
Não	42	14,0
Prefiro não responder	13	4,3
Você/violência/UEPA		
Sim	78	25,9
Não	217	72,1
Prefiro não responder	6	2,0
Presenciou violência		
Sim	109	36,2

Não	178	59,1
Prefiro não responder	13	4,3
Reação/violência/presenciada		
Denuncio	60	19,9
Ignoro	6	2,0
Intervenho	41	13,6
Não sei o que fazer	80	26,6
Participo	1	0,3
Registro boletim de ocorrência	2	0,7
Revido	6	2,0
Sinto-me indignado(a)	101	33,6
Nenhum	3	1,0

Nota. CCBS (Centro de Ciência Biológicas e da Saúde); CCSE (Centro de Ciências Sociais e Educação); CCNT (Centro de Ciências Naturais e Tecnologia)

Fonte. Elaborado pelos autores.

Já a Tabela 2 mostra as características pessoais dos estudantes calouros e as circunstâncias que tange à violência entre os universitários. Quanto ao sexo, 51 (63,2%) são do sexo feminino e 29 (36,3%) do masculino, e com idade média de 20 anos ($\pm 4,08$ anos). Cinquenta e dois (68,8%) declaram ser heterossexuais, 52 (65%) pertencem ao gênero mulher e 24 (30%) autodeclaram-se brancos. Entre os cursos de graduação, 8 (10%) cursam Licenciatura em Ciências Biológicas, 13 (16,3%) Engenharia Ambiental, 4 (5%) Engenharia de produção, 2 (2,5%) Tecnologia de Alimentos, 16 (20%) Biomedicina e 37 (46,3%) Medicina. Dos estudantes, trinta e quatro (42,5%) moram com os pais e 72 (90%) residem em Marabá.

Em relação ao trote universitário, cerca de 18 alunos (22,5%) já participaram. Destes, 2 (2,5%) desfilaram pelo campus, 16 (20%) participaram do pedágio para arrecadar dinheiro. Dezenove (23,8%) alunos sentiram-se alegres por participar, e trinta e oito (47,5%) não denunciaram trote.

Tabela 2

Características pessoais dos estudantes calouros e circunstâncias que tange à violência entre os universitários

Variáveis	Amostra total	
	n	%
Sexo		
Feminino	51	63,8
Masculino	29	36,3
Sexualidade		
Heterossexual	52	68,8
Homossexual	8	10,0
Bissexual	14	17,5
Não quero informar	3	3,8
Gênero		
Mulher	52	65,0
Homem	28	35,0
Cor		
Branco	24	30,0
Parda	36	45,0
Amarelo	2	2,5

Preta	13	16,3
Indígena	5	6,3
Curso		
Ciências Biológicas	8	10,0
Engenharia Ambiental	13	16,3
Engenharia Produção	4	5,0
Tecnologia de Alimentos	2	2,5
Biomedicina	16	20,0
Medicina	37	46,3
Centro		
CCBS	53	66,3
CCSE	8	10,0
CCNT	19	2,8
Você trabalha		
Sim	15	18,8
Não	62	77,5
Estágio remunerado	1	1,3
Nenhum	2	2,5
Moradia		
Familiares	20	25,0
Pais	34	42,5
Pensão	0	00,0
República	9	11,3
Sozinho	15	18,8
Nenhum	2	2,5

Mora na cidade que estuda

Marabá	72	90,0
Outra região	5	6,3
Nenhum	3	3,8

Centro coletivo

Sim	43	53,8
Não	37	46,3

Você passou por trote

Sim	18	22,5
Não	62	77,5
Prefiro não responder	0	00,0

Situações no trote

Desfilar pelo campus	2	2,5
Participar do pedágio	16	20,0
Receber apelido	3	3,8
Ter cabelo pintado	5	6,3
Ter corpo pintado	11	13,8
Nenhum	43	53,8

Sentiu ao passar pelo trote

Tristeza	1	1,3
Surpresa	1	1,3
Alegria	19	23,8
Prefiro não responder	59	73,8

Denúncia do caso do trote

Sim	1	1,3
-----	---	-----

Não	38	47,5
Prefiro não responder	41	51,3

Nota. CCBS (Centro de Ciência Biológicas e da Saúde); CCSE (Centro de Ciências Sociais e Educação); CCNT (Centro de Ciências Naturais e Tecnologia)

Fonte. Elaborado pelos autores.

Outros resultados do estudo mostram a relação entre a violência sofrida no ambiente universitário e sexo (Tabela 3). Cinquenta e cinco alunas (32,5%) do sexo feminino assinalaram que sofreram violência, enquanto, entre os homens, este valor reduz para 23 alunos (18,3%) ($\chi^2 = 7,579$, $df = 1$, $p = 0,006$).

Tabela 3

Relação entre violência sofrida no ambiente universitário e sexo

Sexo	Sofreu violência			<i>p</i> valor ¹
	Sim n (%)	Não n (%)	Total N (%)	
Feminino	55 (32,5)	114 (67,5)	169 (100)	< 0.006**
Masculino	23 (18,3)	103 (81,7)	126 (100)	
Total	78 (26,4)	217 (73,6)	295 (100)	

¹*Nota.* Teste Qui-Quadrado de Pearson para tendência.

Fonte: Os autores (2022)

Já a Tabela 4 aponta a relação entre a segurança no campus e a sexualidade. Dez alunos (37,0 %) que se autodeclararam homossexuais assinalaram que não consideram o ambiente do campus seguro, enquanto, entre os heterossexuais, essa quantidade aumenta para 28 alunos (12%) ($\chi^2 = 12,093$ $df = 1$, $p = 0,002$). Entre as demais variáveis não houve significância.

Tabela 4

Relação entre a segurança do Campus e a sexualidade

Sexualidade	Ambiente seguro			p valor ¹
	Sim n (%)	Não n (%)	Total N (%)	
Heterossexual	205 (88.0)	28 (12.0)	233 (100)	< 0.002**
Homossexual	17 (63.0)	10 (37.0)	27 (100)	
Bissexual	20 (83.3)	4 (16.7)	24 (100)	
Total	242 (85.2)	42 (14.8)	284 (100)	

¹Nota. Teste Qui-Quadrado de Pearson para tendência

Fonte. Elaborado pelos autores.

Discussão

Esse estudo possuiu a perspectiva de reconhecer e abordar temas sociais no âmbito acadêmico e tem como finalidade discutir de forma democrática as situações de violências vivenciadas nesse ambiente. Nesse sentido, características como sexualidade, cor, segurança, forma de violência, e participação de trote que fornecem um ambiente socialmente diversificado, trazem também a possibilidade de um ambiente suscetível a conflitos (Garcia & Souza, 2022).

Diante disso, o estudo mostrou que a maioria dos alunos, veteranos e calouros, quando questionados em relação à sexualidade, uma parcela expressiva declarou-se como heterossexual quando comparado com outras formas de sexualidade. Tal fato pode estar ligado de maneira inerente às sociedades ocidentais, nas quais é possível visualizar grande parte da população vivendo em um sistema conhecido como heteronormativo, caracterizado apenas pelo reconhecimento social aceitável dos heterossexuais (Rodas, 2023). Ademais, a pesquisa denota que a discussão de aceitação ou exclusão de outras formas de sexualidade pode estar associada com o padrão social vigente, em razão disso as minorias sexuais podem apresentar receio ou medo de isolamento social, preconceito, discriminação e outras formas de violência, por não pertencerem ao padrão heteronormativo (Lôbo & Lopes, 2024).

Outro fator em destaque é a heterogeneidade em relação a cor autodeclarada pelos alunos. Baseado nessa perspectiva, segundo um estudo realizado nas universidades públicas brasileiras, 50,3% são alunos autodeclarados pretos ou pardos, e entre as universidades privadas, essa porcentagem fica em torno de 46,6% (Araujo & Clemente, 2019). Essa afirmativa corrobora com nosso estudo, uma vez que 63% dos estudantes são autodeclarados pretos e pardos. Observa-se que essa população de alunos são a maioria nas IES, isso reflete a realidade vista nos dias de hoje como resultados das políticas de cotas sancionadas há pouco tempo (Spindola, 2022).

É importante salientar que a violência nas instituições educacionais tem implicações de longo alcance, já que afeta vários personagens da comunidade acadêmica. Dentre os alunos veteranos pesquisados, 81,7% consideraram o ambiente universitário seguro, todavia, uma parcela expressiva (14%) relatou opinião oposta. O fato anteriormente citado é ratificado por Barreto (2022), o qual destaca a falta de segurança no ambiente universitário entre os discentes por meio da ausência de canais e ouvidorias atuantes para as vítimas, deficiência efetiva de guardas e precária iluminação de alguns setores no período noturno.

Por conseguinte, destaca-se que 78% afirmaram não terem sofrido qualquer ato violento e apenas 26% vivenciaram alguma forma de agressão, seja física ou não. Entretanto, vale ressaltar que apesar da maioria dos alunos não ter sofrido qualquer tipo de violência, os impactos na vida daqueles que sofreram são diversos e duradouros, em especial de ordem emocional como a depressão e a ansiedade (Bastos, 2021). Logo, destaca-se o uso indiscriminado de psicofármacos que podem resultar em consequências adversas para o organismo, como: dependência, alterações cognitivas e motoras. Com isso, evidencia-se a importância de uma abordagem cuidadosa na prescrição desses medicamentos para garantir o bem-estar do indivíduo (Matschinske et al., 2022).

Se tratando dos universitários calouros, foi demonstrado que 77,5% não participaram do trote. Levanta-se a hipótese de que os calouros possuem conhecimento limitado das etapas do trote e, por entrarem em contato com um novo contexto social, muitos optam por não participar. Ademais, devido à percepção de que frequentemente essa cerimônia envolve práticas violentas que são encobertas, podendo causar danos, dor e sofrimento, levanta a percepção dos calouros sobre a natureza nociva e cruel dessa iniciação universitária (Aguiar & Fermé, 2023). Assim, percebe-se que a maioria dos ingressantes acadêmicos escolhem não participar de um processo considerado tradição e rito de passagem por algumas universidades brasileiras (Vegini et al., 2019; Akerman & Conchão, 2020).

Todavia, é ainda importante pontuar que em algumas instituições acadêmicas o trote é considerado o meio para a ocorrência da integração social, com realização de brincadeiras, pinturas, gincanas e sujeira no corpo, o que demonstra um certo grau de acolhimento. Diante disso, pontua-se um estudo realizado em uma universidade federal no sul do Brasil, onde participaram 25 universitários e foi mencionado que o trote é um momento de familiaridade. Dessa forma, no presente estudo, o sentimento vivenciado por muitos calouros foi de alegria, o que pode configurar menos atos violentos e mais receptividade.

Essa experiência positiva corrobora com o estudo realizado em quatro universidades dos Estados Unidos em que participaram 120 alunos, os quais ilustraram que os sentimentos negativos não eram consequências do trote. Pode-se salientar que possivelmente alguns trotes realizados na região norte em comparação ao sudeste são mais flexíveis e talvez não tenham histórico de atos violentos reconhecidos na literatura científica (Vegini et al., 2019; Reid et al., 2019).

Outra análise a ser feita é sobre a violência de gênero, a qual está relacionada a uma apresentação de dominação que restringe as possibilidades do exercício pleno da cidadania e violam os direitos humanos (Silva et al., 2021). Apresenta-se em variados centros sociais, com destaque para as universidades, onde mulheres tornam-se vítimas de agressão física, social e moral. Tal fato é evidenciado a partir do cruzamento de informações do presente estudo, o qual demonstrou que 78 universitários alegaram ter sofrido algum tipo de violência, destacando o gênero feminino com 55 alunas. Essa realidade também foi constatada através de uma pesquisa realizada pelo Instituto Avon, esse revelou que uma parcela significativa, em torno de 67%, das estudantes universitárias no Brasil relata terem sido alvo de alguma forma de agressão, não se limitando apenas ao ambiente universitário, mas também abrangendo outras atividades associadas à instituição de ensino (Oliveira & Guimarães, 2023). Depreende-se que as mulheres que sofrem com essa prática de violência têm reflexo na saúde física, com as lesões da agressão, e mental com transtorno de estresse pós-traumático, por exemplo (Graham et al., 2021).

Diante de índices alarmantes sobre o aumento da violência no país, atores sociais vulneráveis como os do grupo LGBTQIAPN+, fazem parte do número crescente de vítimas, estes são violentados em locais privados, públicos e dentro das instituições de ensino superior. Nesse sentido, os dados desta pesquisa mostraram que dentro dos 284 participantes, 14 revelados homossexuais e bissexuais declararam insegurança em relação ao ambiente universitário. Por isso, tal fato considerado negativo poderá desenvolver consequências no convívio entre as diferentes sexualidades gerando tensões e, sobretudo afetando personagens da comunidade LGBTQIAPN+ (Perassoli & Silva, 2022).

Por fim, o campus não conta com nenhum canal de denúncia para os alunos, com isso, o presente estudo pode auxiliar a universidade no desenvolvimento de setores

específicos que possam ouvir e proteger as vítimas. Este estudo cria a possibilidade de gerar ações voluntárias, rodas de conversa, debates acadêmicos e atividades extraclases com o intuito de atenuar e prevenir os casos de violência, contribuindo para que o ambiente universitário se torne mais seguro, onde prevaleça o respeito e tolerância entre os indivíduos.

Considerações Finais

Os resultados da pesquisa mostraram que o sexo feminino é a maioria dos alunos que participaram do estudo. Em relação as orientações sexuais, os heterossexuais têm a maior prevalência, seguida de uma porcentagem considerável de homossexuais e bissexuais no campus. Já em consideração a autodeclaração de cor e/ou raça há predominância de pardos. Considerando-se a problemática central do estudo, a violência, os alunos majoritariamente consideram o campus como um ambiente seguro. Porém, existe uma parcela importante dos estudantes que relataram ter sofrido alguma forma de violência, destacando-se o sexo feminino.

Admite-se, diante do exposto, que a violência é um problema e está presente na universidade. Com isso, os alunos do grupo LGBTQIAPN+, especialmente os homossexuais e bissexuais que sofreram e/ou presenciaram atos intolerantes, sentem-se vulneráveis e inseguros. No entanto, algumas limitações fizeram parte do nosso estudo, como o fato de que os questionários foram aplicados somente via online, isto é, existiram fatores que contribuíram para uma baixa adesão de alunos, justificada pela falta de interesse dos alunos e baixa disponibilidade de acesso à internet, por exemplo.

Referências

- Akerman, M., & Conchão, S. (2020). Cultura do trote universitário: desafios que permanecem. *ABCS Health Sciences*, 45(3), 49-53.
- Aguiar, C. P. C., & Fermé, E. (2023). Teoria da atividade como ferramenta para analisar o trote universitário. *Diversitas Journal*, 8(1).
<https://doi.org/10.48017/dj.v8i1.2432>
- Araújo, H. L. M. R., & Clemente, B. A. C. (2019). A escola de todas as cores: o papel do gestor escolar no combate ao racismo. *Revista Exitus*, 9(2), 263-291.
<http://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n2ID863>
- Barbosa, A. S., Romani-Dias, M., & Berlato, H. (2023). Masculinidades hegemônicas como contrarresistência no contexto universitário. *Cadernos EBAPE BR*, 21(4), e2022-0102. <https://doi.org/10.1590/1679-395120220102>
- Barreto, B. J. (2022). Escuta feminista e a revelação de violências invisíveis: análise dos movimentos estudantis na UNESP/Marília. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília: RIPPMar*, 8, p. 17. <http://doi.org/10.36311/2447-780X.2022.v8esp2.p17>
- Bastos, F. (2021). *Mapeamento da violência na UNEB* [Dissertação de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, Universidade do Estado da Bahia].
- Brasil. *Lei n° 7.716, de 5 de janeiro de 1989*. (1989). Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Diário Oficial da União.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm
- Brasil. *Lei n° 12.288, de 20 de julho de 2010*. (2010). Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm

- Brasil. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. (2012). Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Diário Oficial da União. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm
- Caetano, M., Lima, C. H. L., & Castro, A. M. (2020). Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. *Colloquium Humanarum*, 16(3), 5-16.
- Cândido, C. S., & Sanchez, C. J. P. (2015). A aplicabilidade do código penal à luz dos trotes nas universidades brasileiras. <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqPics/1111400528P557.pdf>
- Costa, R. L. S. (2023). Neurociência e aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, 28, e280010. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280010>
- Filho, J. L. S., & Ribeiro, S. L. (2023). Violência e bullying: impactos sobre pessoas com deficiência e outras minorias na escola. *Anais do VI Congresso Baiano de Educação Inclusiva e IV Simpósio Brasileiro de Educação Especial*.
- Garcia, M. F., & Souza, N. M. (2022). Bullying no ambiente escolar: um olhar a nossa volta. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, 9(19), 140-158. <https://doi.org/10.55028/pdres.v9i19.12771>
- Graham, S., Zha, C. C., King, A. C., Banchoff, A. W., Sarnquist C., Dauber, M., & Baiocchi, M. (2021). A novel model for generating creative, community-responsive interventions to reduce gender-based violence on college campuses. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(15), 7933. <https://doi.org/10.3390/ijerph18157933>

- Kobulsky, J. M., Villodas M., Yoon, D., Wildfeuer, R., Steinberg, L., & Dubowitz, H. (2022). Adolescent neglect and health risk. *Child Maltreatment*, 27(2), 174-184. <https://doi.org/10.1177/10775595211049795>
- Lôbo, F. R., & Lopes, J. M. (2024). Desafiando a heteronormatividade: impactos e resistência nas relações homoafetivas femininas. *RECIMA21: Revista Científica Multidisciplinar*, 5(1), e514778-e514778. <https://doi.org/10.47820/recima21.v5i1.4778>
- Maito, D. C., Pinto, M. P. P., & Vieira, E. M. (2022). Percepções de gestores sobre violência baseada em gênero na universidade. *Research, Society and Development*, 11(5), e1611527815-e1611527815. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.27815>
- Marques, T., & Santos, B. K. A. (2015). Um estudo sobre o pensamento social de jovens universitários acerca da justiça e das cotas raciais. *Psicologia e Saber Social*, 4(1), 108-125. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2015.17559>
- Matschinske, L. B., Deobald, A. M., Oliveira, L. L., & Rhoden, S. M. (2022). Psicofármacos: atuação no organismo e seu uso indiscriminado. *Brazilian Journal of Development*, 8(2), 12210-12226. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n2-250>
- Nogueira, R. A. (2022). *Bullying na ótica do direito civil* [Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Anhanguera]. Scientia.
- Oliveira, C. A. de M., & Guimarães, L. T. (2023). Violência de gênero na universidade: um estudo sobre a percepção das discentes da UEMS de Paranaíba. *Anais do SCIENCULT*, 9(1), 116-130.
- Panúncio-Pinto, M. P., Alpes, M. F., & Colares, M. F. A. (2020). Situações de violência interpessoal/bullying na universidade: recortes do cotidiano acadêmico de

- estudantes da área da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43 (1), 537-546. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190060.ING>
- Peixoto, A. B. (2021). A prevenção do bullying e a promoção do respeito: uma experiência no curso de psicologia. *Anais do Seminário de Atualização de Práticas Docentes*, 3(2), 184-187.
- Perassoli, A., & Silva, A. R. N. (2022). Saindo da “Torre de Marfim”: A prevenção de violência contra a população LGBTQIAPN+ na universidade. *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4430>
- Reid, G. M., Holt, M. K., Felix, E. D., & Greif Green, J. (2019). Perceived consequences of hazing exposure during the first year of college: Associations with childhood victimization. *Journal of American College Health*, 67(5), 402-409. <https://doi.org/10.1080/07448481.2018.1484363>
- Rodas, L. A. (2023). *Atenção à saúde de minorias sexuais e de gênero nos cursos de odontologia das instituições de ensino públicas do Brasil* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Campina Grande].
- Roso, A., Souza, J. G., Pacheco, M. L. L., & Santos, C. (2020). Trotes na universidade e violências: uma revisão integrativa. *Psicologia Argumento*, 39(103), 25-55. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.AO02>
- Shahram, Y., et al. (2022). A série Tea House: lutando juntos para ser antirracista. *Journal of General Internal Medicine*, 37(9), 2318-2322. <https://doi.org/10.1007/s11606-022-07519-z>
- Silva, L. C. P., et al. (2021). Violência de gênero sofrida por mulheres estudantes de enfermagem: estudo transversal. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 74(5). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0539>

- Silva, O. H. F., et al. (2022). Do racismo científico ao racismo social: o conceito de “raça” nas relações humanas. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 14(40), 410-428.
- Souza, V. M. P., Larocca, L. M., Chaves, M. M. N., Fialla, M. R. P. M., Durand, M. K., & Lourenço, R. G. (2021). Violência de gênero no espaço universitário. *Cogitare Enfermagem*, 26(5), 30-35. <https://doi.org/10.5380/ce.v26i0.67689>
- Spindola, C. S. (2022). *Resistência e negritude: experiências de enfrentamento ao racismo de jovens negros universitários* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório UFSCAR. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/16187>
- Tercetti, T. B. (2021). *Todo mundo sangra o mesmo: uma pesquisa bibliográfica sobre a prevenção e a cultura da violência universitária* [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório UFSCAR. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14391>
- Vegini, N. M. K., Ramos, F. R. S., & Finkler, M. (2019). Representações sociais do trote universitário: uma reflexão ética necessária. *Texto & Contexto: Enfermagem*, 28, e20170359.